

ITESC

Alunos matriculados no ano de 2007 (35º ano acadêmico)

1º ano: 28
2º ano: 18
3º ano: 21
4º ano: 21

Total: 88

Alunos matriculados entre 1973 e 2006 (até 30-07-2007)

<i>Seminaristas diocesanos catarinenses:</i>	612
Arquidiocese de Florianópolis	148
Diocese de Tubarão	120
Diocese de Joinville	88
Diocese de Lages	58
Diocese de Caçador	63
Diocese de Rio do Sul	41
Diocese de Chapecó	27
Diocese de Joaçaba	20
Diocese de Criciúma	21
Diocese de Blumenau	25
<i>Seminaristas de outras Dioceses (não SC)</i>	72
<i>Seminaristas religiosos</i>	150
<i>Leigos e Leigas</i>	149
<i>Religiosas</i>	48

Total do curso de graduação: 1043 (1973-2007)

Ex-alunos ordenados Bispos	03
Ex-professores ordenados Bispos	04
Ex-alunos ordenados Presbíteros (até 04-08-07)	451
Ex-alunos ordenados Diáconos Permanentes	06

Matriculados nos cursos noturnos para Leigos e Leigas em 2006 (Em convênio com o Centro Loyola, 2as e 3as feiras à noite)

Curso de Teologia Sistemática II	29
Curso de Teologia Sistemática I	53
Curso de Introdução à Bíblia II	19
Curso de Introdução à Bíblia I	77
Curso de Espiritualidade	09
Curso de Liturgia I	44

Total **231**



MONRABAL, Maria Victoria Triviño, "*Música, Dança e Poesia na Bíblia*", trad. José Belisário da Silva, col. Liturgia e Música, n. 4, São Paulo, Paulus, 2006, 21 x 13,5 cm, 102 p.

*Ney Brasil Pereira*¹

Já tive a oportunidade de fazer a recensão do livro de Xabier Basurko, "O canto cristão na tradição primitiva", da mesma coleção "Liturgia e Música", coordenada por Frei Joaquim Fonseca OFM, assessor de Música Litúrgica da CNBB. O livro de Monrabal, como o anterior, foi publicado originalmente na Espanha. Seu objetivo é diferente do livro de Basurko, tanto pelo conteúdo como pelo método. A obra de Basurko é fruto de ampla pesquisa nas fontes patrísticas, objetivando discernir e captar o pensamento dos Pais da Igreja no que se refere ao canto cristão dos primeiros séculos. O livro de Monrabal tem um objetivo mais modesto: centraliza-se na própria Bíblia, sem preocupar-se tanto com o que os especialistas tenham dito, mas procurando simplesmente, como diz Ione Buyst na "Introdução à edição brasileira", "vasculhar as Sagradas Escrituras para aí encontrar vestígios da música, da dança e da poesia, estes três elementos indispensáveis da fala amorosa, da linguagem da Aliança entre o povo de Israel e o seu Deus" (p. 5).

Cito ainda Ione: A autora "nos oferece assim um precioso conhecimento. Faz-nos perceber a densidade das raízes antigas e profundas da música, da poesia e da dança na liturgia cristã, principalmente dos salmos, de aclamações como 'hosana' e 'aleluia', e do uso dos instrumentos. Aprendemos assim que não se canta qualquer música a qualquer momento; não se toca qualquer instrumento e de qualquer jeito, mas sempre acompanhando e reforçando o sentido de cada festa e os sentimentos – de alegria, sonho, lamentação – do povo em oração" (p. 5). Continuo citando Ione Buyst: "Música, poesia e dança formam uma unidade e

¹ O recensor é Mestre em Ciências Bíblicas e Professor no ITESC.



nos levam ao encontro amoroso com o nosso Deus. Por isso, ao mesmo tempo em que oferece preciosos conhecimentos, a autora desperta-nos também para o *prazer* de uma liturgia que recupera, pouco a pouco, estes três elementos da linguagem da Aliança. Queira Deus que a leitura deste livro nos ajude a aprimorar ainda mais – técnica e espiritualmente – a música na liturgia, a superar a timidez para dançar pelo menos em dias de festa, a redescobrir a riqueza espiritual de uma leitura bíblica cantada em forma de recitativo, e a encontrar o tom poético para entoar as orações litúrgicas” (pp. 5-6).

O autor do prólogo da edição original, José Olives Puig, assim sintetiza o livro: “é uma introdução à Bíblia em chave musical, ou, vice-versa, uma introdução à música, à dança e à poesia em chave bíblica” (p. 7). Ainda Puig: “No caso do povo de Israel, tal como nos é apresentado na Bíblia e como nos dá a conhecer Irmã Maria Victoria, ficamos surpreendidos pelo constante soar de trombetas, cornetas, búzios, cítaras, címbalos, liras, sistros, saltérios, tamborins, brados e cantos. Pode-se dizer que o povo eleito é também um povo musical, um povo em festa permanente, ou talvez um povo que faz festa e canção de todas as coisas, até de sua dor, como se pode ver nas lamentações de Jeremias, e Jó, e nos Salmos” (pp. 8-9).

É significativa a introdução da própria autora: “A Sagrada Escritura está cheia de músicas, vozes, rumores. A palavra ritmada comporta uma música espiritual que comove o coração e inspira o canto. E o canto chama pelos instrumentos e convida para a dança. A Palavra do Deus criador transmite sua beleza e desperta uma resposta harmoniosa: *Brota-me do coração um belo poema* (Sl 45,2). A Bíblia, toda ela, está perpassada por um amor de Aliança. Quem penetra nesse amor está sempre em festa” (p. 11).

O livro não é sistemático. Não tem, por exemplo, uma estruturação em capítulos. A autora nos conduz espontaneamente, do Gênesis, desde a apresentação de Jubal, “*o pai de todos os que tocam lira e charamela*” (Gn 4,21, p. 13), até o Apocalipse. Comenta rapidamente as “festas de Israel”, as “festas no Templo” e as “festas na Sinagoga” (pp. 16-19), e descreve os músicos, especialmente os levitas músicos, citados no 1º livro das Crônicas (pp. 22-24). Das três partes a seguir, que constituem o miolo do livro, a primeira aborda “a voz e os instrumentos de sopro”



(pp. 25-44); a segunda, “a dança e os instrumentos de percussão” (pp. 45-59); e a terceira, “poesia e instrumentos de corda” (pp. 61-83). Conclui o livro uma exposição sobre “as cítaras de Deus no Apocalipse”, focalizando a visão do Livro e do Cordeiro (Ap 5,6-10), as visões de Ap 14,1-5 e 15,2-4 e, finalmente, a “festa das núpcias”, em Ap 19 (pp. 84-94). Cito as belas palavras da autora: “Já cantam os pobres, os mansos, os que choram... A cítara do seu coração puro entoa o louvor. A cítara, com todo o seu simbolismo cósmico, está em suas mãos espalhando todos os sons, cores, palavra, beleza, louvor... Tudo ficou penetrado pela presença do Santo. As cítaras já tocam o modo da cruz, da ressurreição e da bem-aventurança. E as cítaras são de Deus” (p. 94). Sobre o simbolismo cósmico da cítara, eis como o explica a autora: “Os povos antigos fizeram da cítara um símbolo da união entre a terra e o céu. A base quadrada da caixa evoca a terra, a forma arqueada da parte superior significa o céu, e as cordas unem terra e céu: eis o louvor cósmico da cítara!” (p. 84) Outra significativa consideração: “A presença do Espírito de Jesus, Espírito de Amor e de Beleza, cria em nós a harmonia, a verdadeira música que traduz na terra os sons do louvor do céu” (p. 96)

Agora, umas poucas observações. No texto como tal, desta edição brasileira, notei que houve um repetido equívoco na transcrição de nomes ou palavras em hebraico, nas quais o “j” do original espanhol deveria ser trocado por “h”, por exemplo: Rabi Yehuda *Hajasid* deveria ser *Hahasid* (p. 5 e p. 80); o novilúnio, Rosh *Jodesh* deveria ser *Hodesh* (p. 20); a Dedicção, não *Januca* mas *Hanucá* (p. 20); não *Halaja* mas *Halaká* (p. 30); não *Jesebon* mas *Hesebon* (p.70); o ritmo da lamentação é *qînâh*, não *qinath* (p. 76); o motivo musical, nas sinagogas, não é *núsaj* mas *núсах* (pp. 81 e 82). Outras observações: 1) na p. 19, o nome do invasor, em 587 aC, é Nabucodonosor, não “Senaquerib”; 2) na p. 30, se diz que a fórmula de Jesus *Amen Amen dico vobis* se encontra nos quatro evangelhos, quando, de fato, com o Amém reduplicado, ela é própria de João: os sinóticos têm a fórmula simples, com um só Amém; 3) na p. 87, a citação da nota de rodapé deve ser, evidentemente, Ap 5,6-10 e não 5,610.

Concluindo minha recensão, cabe-me recomendar o livro. Pequeno, de fácil leitura, mas que convida à reflexão, e convida também à releitura. A autora consegue tocar a nossa sensibilidade, e chama a nossa atenção para a beleza e o sentido da “linguagem da Aliança”, que está



na Bíblia, e que é também a linguagem da Liturgia: a música, a dança, a poesia. Cabe a cada um – e é o voto que exprime a autora, no epílogo do seu livro – “despertar o anjo músico que leva dentro de si, até que chegue a hora de entoar o cântico novo com a cítara de Deus” (p. 97)

Endereço do recensor:

Cx postal 5041
88040-970 Florianópolis, SC
ney.brasil@itesc.org.br



LUZ, José Eduardo Schmitt da, “*Jerônimo Coelho. A Pena e a Espada*”, Florianópolis, Papa-Livro, 2006, 21 x 13,5cm, 186 p.

*Ney Brasil Pereira*¹

Ao ser empossado na Cadeira n. 31, da Academia Desterrense de Letras, cujo patrono é o Arcipreste Paiva, ilustre figura desterrense de meados do século XIX, tive a oportunidade de pesquisar sobre sua vida e obra. Dele eu antes conhecia praticamente só o nome, imortalizado numa das ruas centrais de nossa capital. E a pesquisa fez surgir diante de mim a personalidade notável, multifacética, desse padre, político, orador, escritor, que realizou coisas tão extraordinárias numa curta vida de menos de 50 anos. De não menor envergadura é a personalidade de **Jerônimo Francisco Coelho**, esse lagunense de tão grandes méritos em uma igualmente curta vida, cujo bicentenário de nascimento comemoramos no ano passado. Para mim também, como para tantos, um desconhecido, mas cujos feitos agora podem ser apreciados e admirados graças à pesquisa bem sucedida de José Eduardo Schmitt da Luz, cujo livro é o objeto desta recensão.

Na orelha direita do livro se explica que o trabalho teve início em 1999 e apresenta o resultado de uma ampla pesquisa sobre o homenageado, pesquisa referendada por quase quatro páginas de títulos da Bibliografia (pp. 183-186). O expressivo subtítulo – “A Pena e a Espada” – alude às duas principais características de Jerônimo Coelho: sua carreira militar e seu interesse pela imprensa. Na carreira militar, chegou ao posto de Brigadeiro – hoje, General – e foi Ministro da Guerra (adjunto e titular); na política, foi Deputado, provincial e na Câmara do Império, e também Presidente de Província (hoje, Governador) e, ainda, Comandante de Armas (no Pará e no Rio Grande do Sul); na Imprensa e na Maçonaria, foi precursor de ambas em nosso Estado, no mesmo ano de 1831.

Nascido em 1806, em Laguna, SC, Jerônimo Coelho veio a falecer em 1860, em Nova Friburgo, RJ, com apenas 53 anos idade. Sua vida,

¹ O recensor, Mestre em Ciências Bíblicas e Professor no ITESC, é membro da Academia Desterrense de Letras.

como adverte o autor, “apesar de abordada por diversos pesquisadores, está escrita de forma esparsa, e em alguns casos com dados que, em muitos aspectos, chegam a conflitar-se” (p. 9). José Eduardo Schmitt da Luz vem, pois, preencher uma lacuna, oferecendo-nos uma biografia confiável desse catarinense ilustre que, entre outras qualidades, distinguiu-se pela probidade no trato da coisa pública, vindo a falecer, apesar de todos os altos cargos exercidos, desprovido de bens materiais, e merecendo de Henrique Boiteux o invejável retrato: “pobre nasceu; de mãos limpas viveu e com elas puras morreu. Viveu na sua honradez e probidade, uma vida sem fausto e sem luxo...” (p. 13). Ainda sobre o valor do livro, assim se expressam os autores do Prefácio: “É a obra *“Jerônimo Coelho – a Pena e a Espada”* valiosa contribuição aos estudiosos e pesquisadores, agradável aos amantes da literatura, útil a mestres e professores de história, e muito valiosa aos jovens estudantes, não só para o conhecimento, por parte deles, do personagem enfocado, mas também para a boa formação do caráter da nossa juventude, já que esta poderá espelhar-se na figura de tão insigne catarinense e brasileiro” (p. 14).

O livro é estruturado em seis capítulos, nos quais o autor prefere situar seu biografado no cenário do seu tempo, mais que seguir-lhe os passos cronológicos. Assim, por exemplo, seu testamento e, mesmo, a notícia de seu falecimento, encontram-se no final do capítulo II, a pp. 66-70, seguindo-se os capítulos restantes, a meu ver não claramente delineados. O capítulo VI, que é o último do livro, intitulado “A vida catarinense durante o Império”, trata desse assunto nas pp. 133-149, mas depois, no mesmo capítulo, seguem-se comentários sobre a atuação de Jerônimo Coelho na província do “Grão-Pará”, no norte do país (pp. 150-167) e, ainda sua atuação como Presidente da província de “São Pedro do Rio Grande do Sul” (pp. 168-174). Tenho a impressão de que uma melhor distribuição cronológica das matérias teria contribuído para a clareza da exposição.

O capítulo I, intitulado “Capitania surge como apoio contra inimigos”, retrata o ambiente catarinense desde a criação da Capitania em 1738, seguindo-se a vinda dos “povoadores açorianos” na década seguinte, até a ebulição de idéias e transformações políticas do final do século XVIII e começos do século XIX, até o “período regencial” (1831-1840). A propósito, não entendi o subtítulo “Do período regencial à Independência” (p.27): não seria o inverso? O capítulo II começa focalizando a “Vila de Laguna”, berço natal de Jerônimo Coelho, seguindo-se amplas informações sobre a família e a vida do biografado, informações que

culminam no texto do seu Testamento (pp. 67-69). Esse documento foi redigido no Rio de Janeiro, em 1854, seis anos antes de seu falecimento. Nele, declara-se “cristão”, “natural da vila da Laguna”, viúvo, pai de “três filhos legítimos”, e presta contas do que ganhou “na carreira militar, política e administrativa”, e como o despendeu. Afirma que tem “poucas dívidas” e conta com amortizá-las. Menciona os filhos e a mãe entre os beneficiários de seus poucos bens. E termina com uma oração: “Peço a Deus que me perdoe meus grandes pecados e que me ampare com a sua divina misericórdia” (p. 69) Um detalhe interessante, que prova o seu “catarinensismo”, é o fato de ter sido autor de um “Hino a Santa Catarina”, musicado em 1834 por João Francisco de Souza Coutinho e cantado em 1922, segundo informa o autor na p. 61. A informação aliás não está clara: aí se diz que o Hino foi cantado por iniciativa de José Boiteux...” o hino que ele (quem? Boiteux? ou Coutinho?) compôs para uma letra de Jerônimo Coelho”(p.62). A propósito, onde se encontra esse Hino?

O capítulo III, intitulado “Vida militar” (pp.71-91), segue o biografado nos passos rápidos de sua carreira, desde seu ingresso como 1º cadete na Companhia de Artilharia em Fortaleza, no Ceará, onde seu pai comandava o Corpo de Infantaria. Jerônimo Coelho, nascido em 1806, contava apenas 7 anos de idade. Aos 18, ei-lo já promovido a Capitão. Em incessantes idas e vindas, com a sua formação de engenheiro militar, ele executou diversas tarefas, principalmente nas províncias de Santa Catarina e do Rio de Janeiro. Entre essas tarefas, em 1846 ele mediu as terras da Colônia Dona Francisca, que mais tarde constituíram o município de Joinville (p. 82). Antes, em 1844 fora nomeado Ministro da Marinha e Ministro interino da Guerra, tendo nessa condição conseguido a anistia aos rebeldes de Minas e de São Paulo. Em 1845, contribuiu para a cessação da revolução Farroupilha (pp. 86-91). Na p. 90, no início da última alínea, um equívoco: em vez de “eminência” leia-se “iminência”, a saber, da guerra do Paraguai.

O breve capítulo IV, intitulado “Povo sem imprensa” (pp. 93-106), dá o devido realce ao pioneirismo de Jerônimo Coelho em relação à imprensa em nosso Estado. É ele, então com apenas 25 anos de idade, o iniciador do primeiro jornal da Província, “O Catharinense”, lançado em 28-7-1831. A frase inicial do capítulo, porém, apresenta um equívoco: leia-se “ao contrário”, e não “a exemplo” das colônias espanholas (p. 93), pois, se elas “gozavam os benefícios da imprensa desde 1539, entre nós esses benefícios estavam, como é sabido, proibidos. Quanto aos dotes de escritor de Jerônimo Coelho, dele afirma Osvaldo Ferreira de Melo em



sua “História da Literatura Catarinense”: “...foi o primeiro catarinense a escrever bem” (p. 103), o que se comprova pelo estilo do Manifesto (cf pp. 99-102) que antecedeu o lançamento do Jornal. No Manifesto, entre outras verdades, eis o que ele diz da Imprensa: “esta divina instituição foi, é, e será sempre uma barreira invencível, onde se despedaçam as fúrias dos tiranos... porque, por meio dela, seus crimes e suas tramas serão sempre expostos ao conhecimento dos povos” (p. 100).

“Maçonaria luta por espaço” é o título do capítulo V (pp. 107-132). A Maçonaria, surgida em inícios do século XVIII na Inglaterra, atuou no Brasil em suas duas formas: o “rito vermelho”, ou francês, anti-monárquico e ateu, e o “rito azul”, ou inglês, monárquico e teísta. José Bonifácio, o “patriarca da Independência”, procurou conciliar as duas forças. Em Santa Catarina, deve-se a Jerônimo Coelho a fundação da primeira Loja maçônica, de nome “Concórdia”, em 1831, logo após a abdicação de Dom Pedro I. No mesmo ano, ele criava o primeiro Jornal da Província, “O Catharinense”, bem como um grêmio cívico-cultural, a “Sociedade Patriótica Catarinense”, anterior à Loja (p. 117). Aproveitando a deixa, o autor traz notícias sobre a atuação posterior da Maçonaria em Santa Catarina, até nossos dias, destacando a fundação da Loja Jerônimo Coelho em 1969, com a destacada atuação de Seixas Neto (p. 126).

O capítulo VI, e último, trata da “vida catarinense durante o Império”. A política oscilava entre monarquistas, republicanos e “liberais”: estes, moderados, os “crístãos”, ou extremados, os “judeus” (p. 134). Em 1835, aos 29 anos de idade, Jerônimo Coelho é eleito membro da Assembléia Provincial, começando assim a sua trajetória política. Com estes traços o caracteriza o autor: “Como parlamentar, foi sóbrio, elegante e severo; foi vigoroso nas discussões, nobre nas polêmicas, seguro nos conceitos, justo nas apreciações e sereno nas controvérsias” (p. 135) Nas pp. 141-144 o autor reproduz interessante poemeto político dos “judeus” contra os “crístãos”, na campanha eleitoral de 1847: é o “Padre nosso dos Judeus (políticos) contra a hypocrisia dos fingidos Christãos”... Em 1839, Jerônimo Coelho foi nomeado Vice-Presidente da Província. Em 1844, aos 38 anos de idade, teve a oportunidade de se elevar ao Senado do Império, mas declinou dessa honra em favor de seu amigo, o Coronel José da Silva Mafra.

Em 1848 foi, pelo Imperador, nomeado Presidente da Província do Grão-Pará (Amazonas, Pará, Amapá, e Roraima), desempenhando aí também a função de Comandante das Armas. No Relatório, apresentado



alguns meses depois de sua posse, observa: “É preciso ter energia para resistir à tendência do patronato e da afilhagem. Pela minha parte, Senhores, eu vos asseguro que a tenho” (p. 151). Com relação á força policial, constata que a disciplina não é satisfatória. E argumenta: “No regime militar, quando não há o temor do castigo, pronto e severo, não há disciplina.” (p. 154). Quanto ao pagamento de fornecedores e prestadores de serviços, era severo na prestação de contas: “Nesse ponto serei rigoroso, porque a renda pública é o suor do povo” (p. 159). Na conclusão do seu Relatório, um pensamento sobre a terra natal distante: “Deus me é testemunha das vezes que, pensando no Desterro, lhe desejo um céu tão sereno e tão puro de nuvens como o da pacífica Belém” (p. 163). Doze anos após sua morte, um sucessor de Jerônimo Coelho deu dele este testemunho: “Ao zelo e perícia do Conselheiro Jerônimo Coelho deve esta Província o ter entrado na senda do progresso em que caminha desde então. Foi esse benemérito Presidente que, pela sua rigorosa e vigilante economia, levantou os cofres provinciais do penoso estado financeiro em que estavam” (p. 167). Em 1856, aos 50 anos de idade, novamente por decreto Imperial, foi nomeado Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, e também seu Comandante de Armas. Como no Grão-Pará, também no Rio Grande foi curta, mas de extremo proveito a sua atuação.

Na conclusão do seu livro, José Eduardo Schmitt da Luz reconhece que há muito mais a pesquisar e publicar sobre o ilustre catarinense que tanto se distinguiu em tantos campos da atividade humana. Concluindo, de minha parte, esta recensão, reafirmo o parecer de que o material reunido pelo pesquisador poderia ter tido uma organização mais lógica, ou seja, cronológica, como se espera de uma biografia. Aliás, essa cronologia se encontra, sintetizada, no quadro das “datas representativas da vida de Jerônimo Coelho”, nas pp. 180-182. Há, também, algumas falhas de revisão, que poderiam ser corrigidas numa futura edição, p. ex.: 1) na p. 17, penúltima alínea: “tantos personagens *a quem* a história abriu”, não “que a história”; 2) na p. 18, o nome do historiador citado na penúltima alínea e no rodapé é *Varnhagen*, não “Vernhagen”; 3) na p. 55, na última linha, deve-se ler *traz* (verbo) e não “trás” (preposição); 4) na p. 62, segunda alínea, onde se lê “Foi patrono” deve-se ler *É* patrono, pois continua sendo tal, evidentemente; 5) na p. 68, pelo meio da página, leia-se *dívidas*, e não “divisas”; 6) na p. 72, na antepenúltima alínea, leia-se *cerebrações*, não “celebrações”; 7) na p. 87, segunda alínea, leia-se *ao ilustre*, não “o ilustre”; 8) na p. 96, uma vez que se

trata de “a Desterro”, então é *mesmeira*, não “mesmeiro”; 9) na p. 98, na terceira linha do parágrafo sobre “O Catharinense”, leia-se *a que deu*, ou *e a que deu*, não “que deu”; 10) na p. 159, na quarta linha do parágrafo central, leia-se *a nenhuma*, não “e nenhuma”; 11) na p. 180, em 1813 ele tinha *sete* anos, não “nove”; 12) na p. 181, em 1839 ele foi nomeado Vice-Presidente da Província *de Santa Catarina*, não “do Desterro”; 13) na p. 182, em 1858, fica doente, *obrigando-se*, não “obrigando-o”. Em todo caso, a inequívoca impressão que fica, em quem lê o livro, é que estamos diante de um catarinense que dignificou a sua terra, deixando um exemplo magnífico para as novas gerações. Mais que no mármore dos monumentos, seja nos corações, especialmente dos nossos jovens, preservada e cultivada a sua memória.

Endereço do recensor:

Caixa Postal 5041
88040-970 Florianópolis, SC
E-mail: ney.brasil@itesc.org.br

BESEN, José Artulino, *“História da Igreja. Da idade apostólica aos nossos tempos”*, Florianópolis/ São Paulo, Editora Mundo e Missão, 2007, 23 x 16 cm, 295 p.

Ney Brasil Pereira¹

Uma “História da Igreja” diferente. Diferente pelo espírito “de humildade e realismo” com que foi elaborada e publicada. O próprio autor o explica, na apresentação do livro: “Esse espírito de humildade e realismo norteou a elaboração dos pequenos textos deste livro que, inicialmente, foram publicados como artigos mensais no Jornal ‘Missão Jovem’ (editado em Florianópolis). Houve leitores, mais sensíveis no nível apologético, que julgaram perigoso escrever sobre os pecados da Igreja: estaríamos oferecendo munição aos ‘inimigos’. Isso não procede. Tudo o que foi escrito já é do conhecimento do leitor médio, e tenho a certeza de que o assumir os pecados é o único modo de ‘purificar a memória’, conforme pediu João Paulo II na *Tertio Millennio Adveniente*. Com perseverança, e quase solitariamente, papa Wojtyła preparou e presidiu a Celebração do Perdão em 12 de março do ano 2000, por ele encerrada com estas palavras: ‘Irmãos e irmãs, desejamos que esta liturgia que celebrou a misericórdia do Senhor e quis purificar a memória do caminho dos cristãos nos séculos, suscite em toda a Igreja e em cada um de nós um empenho de fidelidade à mensagem perene do Evangelho’.”

Uma “História da Igreja” diferente, ainda, pelo modo de apresentar seu bimilenar desenvolvimento em pequenos temas. De fato, ao todo, num livro de cerca de 300 páginas, contamos nada menos que 75 breves capítulos, distribuídos em seis períodos: primeiro, “da era apostólica aos Santos Pais”; segundo, “a evangelização dos povos novos e o reino franco”; terceiro, “a crise da cristandade e o tempo das reformas”; quarto, “da aliança entre o Trono e o Altar ao mundo liberal”; quinto, “da tragédia dos totalitarismos ao diálogo”; sexto, “História da Igreja como memória e reconciliação”. A propósito, explica ainda o autor: “Ao elaborar esta breve História da Igreja, tive de fazer escolhas no tratar alguns temas e deixar outros de igual ou até maior importância, oferecendo uma visão complexiva do acontecer da Igreja situada na história dos

1 O Recensor é Mestre em Ciências Bíblicas e Professor no ITESC.

homens, e assumindo atitude ecumênica no respeito às outras histórias de Igrejas e Comunidades cristãs.”

É significativa a citação de Santo Agostinho, encabeçando todo o livro: “A arca de Noé tinha tanto o corvo como a pomba, os dois gêneros. Se a arca é prefiguração da Igreja, observai que, neste dilúvio do mundo, é inevitável que a Igreja contenha os dois gêneros, tanto o corvo como a pomba. Quem são os corvos? São aqueles que buscam as próprias coisas. Quem são as pombas? São aqueles que procuram as coisas que são de Cristo” (Agostinho, *In Joan. Ev. 6,2*). E ainda, do autor, o convite ao leitor: “O leitor é convidado a não deter-se nos pecados ou nas vitórias, mas a ter sempre presente que a *confessio peccati* é também *confessio laudis*: confessando nossos pecados, proclamamos o louvor de Deus” (p.10).

Folheando o livro, surpreende a qualidade do papel, papel couchê, escolhido certamente para dar realce às abundantes ilustrações coloridas, uma em quase cada página. Quanto às ilustrações, do arquivo do Jornal “Missão Jovem”, nem todas têm a qualidade desejável. Na p. 23, a cabeça coroada que se apresenta como se fosse de Policarpo, o bispo-mártir de Esmirna, parece antes a do Cristo-Rei. Algumas das ilustrações poderiam ter ocupado mais espaço, como a das ruínas da Biblioteca de Celso em Éfeso, na p. 28, ou o quadro de Peruggino na p. 48, ou a cúpula de Santa Sofia na p. 60 etc. A maioria delas vem devidamente identificada. Às vezes, porém, a legenda está incompleta, p.ex. a do trono episcopal de Avignon, na p. 107. No seu conjunto, essas ilustrações contribuem grandemente para valorizar o texto.

Quanto à bibliografia, encontramos-la indicada só no final do livro, na p. 295. Não há, portanto, notas no texto, nem no rodapé, nem no final dos capítulos, por opção do autor, que não quis tornar pesada a leitura. Não temos aqui, portanto, um livro para especialistas, mas para o leitor de cultura média, interessado numa primeira, segura, informação. Ainda quanto à bibliografia, além das obras em português (poucas originais, sendo a maioria traduzidas), são citadas várias obras em italiano e, algumas, em espanhol. Também no final do livro, antes da bibliografia, temos o elenco completo dos papas, com as datas de seus pontificados, desde São Pedro até Bento XVI.

Quanto aos breves capítulos, chama a atenção o poder de síntese do autor. Veja-se, por exemplo, a síntese do tema das perseguições dos primeiros séculos, no capítulo 5º (pp. 24-26); ou “a santidade e sabedoria

nos Pais da Igreja”, capítulo 14 (pp. 52-55); ou “os Pais da Igreja, pais dos pobres”, no capítulo 17 (pp.63-67); ou “o tribunal da Inquisição”, no capítulo 34 (pp. 131-133); ou “a Renascença e o papado renascentista”, no capítulo 41 (pp. 156-158); ou “Martinho Lutero e a Reforma na Alemanha”, no capítulo 44 (pp. 166-169); ou “as Missões na África negra”, no capítulo 51 (pp. 194-197); ou “da tolerância à liberdade de consciência”, no capítulo 56 (pp. 214-217); ou “a Igreja e o povo judeu” e “os judeus, nossos irmãos prediletos”, nos capítulos 62 e 63 (pp. 238-244); ou “os Concílios ecumênicos e gerais”, no capítulo 64 (pp. 245-247); ou “Canto e Musica na liturgia cristã”, no capítulo 66 (pp. 252-255); ou os capítulos 67, 68 e 69 sobre as Igrejas do Oriente: nestorianos, monofisitas, ortodoxos, uniatas etc (pp. 256-265). Preciosos são os seis capítulos finais do livro, dedicados a contextualizar a Igreja contemporânea. Os títulos são significativos: “O concílio Vaticano II, um novo Pentecostes”; “O Ecumenismo, busca da unidade perdida”; “Novos caminhos da Igreja latino-americana”; “João Paulo II, um pontificado de gestos e sinais”; “O Papa visita os filhos de Abraão”; “Memória e reconciliação, o Dia do Perdão”.

Quanto ao capítulo final (capítulo 75, pp. 288-292), o autor faz questão de fechar o seu livro com a memória do gesto profético de João Paulo II, sua grande confissão, na quaresma do Ano Santo do Grande Jubileu. Após esse gesto, conclui o autor, “todo triunfalismo na Igreja não passa de doença espiritual de almas reacionárias. Se o uso do poder provocou tantos pecados, o caminho que Jesus oferece aos seus discípulos é o do humilde serviço evangélico ao ser humano” (p. 292).

Creio que esta “História da Igreja” fará um grande bem. A franqueza, ou, como já dito acima, o “espírito de humildade e realismo” com que aborda os diversos temas, mesmo os mais espinhosos (século de ferro, Inquisição, Reforma, absolutismo, questão social etc), contribuirá com certeza para seu positivo esclarecimento. Do ponto de vista didático, os pequenos capítulos se prestam a seminários, palestras, debates, nos cursos de Teologia para leigos ou em cursos de cultura religiosa nas universidades. Parabéns ao autor.

Endereço do recensor:

Caixa Postal 5041

88040-970 Florianópolis, SC

E-mail: ney.brasil@itesc.org.br